

RELATÓRIO ANUAL SOBRE PESSOAS DEFENSORAS DE DIREITOS HUMANOS EM RISCO EM 2017



Na capa: O rio Cauca, em Antioquia, Colômbia, onde as comunidades e famílias ativas no Movimento Ríos Vivos Antioquia lutam para defender seu direito de permanecer no território antes da conclusão da hidrelétrica Hidroituango – a maior a ser construída no país. Isabel Cristina Zuleta (foto) é porta-voz das pessoas afetadas pelo projeto.

Créditos da foto: Ivi Oliveira, Front Line Defenders.

Publicado por:
Front Line, the International Foundation for the Protection of Human Rights Defenders
Grattan House
Temple Road
Blackrock, A94 FA39
County Dublin
Ireland

Copyright © 2017 by Front Line Defenders
This work is licensed under a Creative Commons Attribution – NonCommercial ShareAlike 3.0 Licence.

Design: www.thedrawingboard.ie

Este relatório foi produzido em benefício das pessoas defensoras de direitos humanos e pode ser citado ou copiado, desde que as fontes/autores e autoras sejam referenciados/as.

Cópias deste relatório estão disponíveis através de info@frontlinedefenders.org

**RELATÓRIO
ANUAL
SOBRE
PESSOAS
DEFENSORAS
DE DIREITOS
HUMANOS
EM RISCO
EM 2017**

ESTES SÃO OS NOMES DAS PESSOAS DEFENSORAS DE DIREITOS HUMANOS QUE FORAM MORTAS EM 2017, CONFORME RELATADO À FRONT LINE DEFENDERS. NÓS LEMBRAMOS DELAS E A ELAS DEDICAMOS NOSSO TRABALHO.

ARGENTINA

Santiago Maldonado

BELIZE

Albert Cattouse

BRASIL

Silvino Nunes Gouveia
Manoel Quintino da Silva Kaxarari
João Ferreira dos Santos
Jorge Matías da Silva
x Ceará
Eraldo Moreira Luz
Flávio Gabriel Pacífico dos Santos
Valdenir Juventino Izidoro
Raimundo Mota de Souza
Damião Lima da Silva
Roberto Santos Araújo
Raimundo Silva
Kátia Martins
Antonio Jose Mig Claudino
Waldomeiro Costa Pereira
Weldson Pereira da Silva
Ozeir Rodrigues da Silva
Regivaldo Pereira da Silva
Nelson Souza Milhomem
Weclbson Pereira Milhomem
Jane Julia de Oliveira
Ronaldo Pereira de Souza
Bruno Henrique Pereira Gomes
Antonio Pereira Milhomem
Hércules Santos de Oliveira
Rosenildo Pereira de Almeida
Ademir de Souza Pereira
João Ferreira dos Santos, 'João do Ouro'
Lindomar Fernandes Martins
Adeilton Brito de Souza, 'Boga'
Gildásio Bispo das Neves
Amauri Pereira Silva
Valdir Pereira Silva
Marcos Pereira Silva
Cosme Rosário da Conceição
Sônia Vicente Cacau, 'Cry Capric'
José Caneta Gavião, 'Cu Carut'
Zé Menino
João da Cruz Abreu
Sebastião Ferreira De Souza
Izaul Brito dos Santos
Ezequias Santos de Oliveira
Edson Alves Antunes
Aldo Aparecido Carlini
Samuel Antônio da Cunha
Francisco Chaves da Silva
Fábio Rodrigues dos Santos
Valmir Rangeu do Nascimento
Silvone Gonçalves da Silva
Weclbson Pereira Milhomem
Etevaldo Soares Costa
Manoel Índio Arruda, 'Índio'
Maria da Lurdes Fernandes Silva
Maria Trindade da Silva
Antônio Alves Gomes, 'Toninho'

Zacarias Lalau
Vanderson Siqueira dos Santos
Hugo Rabelo Leite
Liversino Azevedo, 'Vítor'
Elivelton Castelo Nascimento
Orestes Rodrigues de Castro
Renato Souza Benevides, 'Baixinho'
Weverton Cantão
Paulo Sérgio Bento Oliveira
Valdinei Assis da Silva, 'Nei'
Yure Silva
Geovane Alves de Jesus

COLÔMBIA

Mario Castano Bravo
Mario Jacanamajoy
Albert Martinez Olarte
Ramon Alcides Garcia Zapata
Eliecer Carvajal
Liliana Patricia Castano Montoya
Miguel Angel Cardona
Ofelia Espinoza De Lopez
Oscar Ferney Tenorio
Jorge Luis Garcia del Rio
Luis Villadiego Puentes
Juana Almazo Epiayu
Nelson Eduardo Velandia Ortiz
Maritza Yuliana Garcia Vinasco
Jose Adalberto Torrijano Andrade
Javier Sevilla Alvarez
Roberto Ortega Maclaustan
José Yimer Cartagena Usuga
Gildardo Antonio Valdés
Luis Edilson Arango Gallego
Fabián Aberto Álvarez Marín
Liliana Astrid Ramírez Martínez
Ezquivel Manyoma
Jimmy Humberto Medina Trujillo
Wilmer Hernández Caicedo
Jairo Arturo Chilito Muñoz
Luis Fernando Gil
Hector William Mina
María Efigenia Vasques
Manuel Ramírez Mosquera
Fernando Rivas Asprilla
Aulio Isararama Forastero
Eugenio Rentería Martínez
Alberto Román Acosta
Katherine Escalante Castilla
Narda Barchilón
Ricardo Córdoba
Iván Martínez
Wilmar Felipe Barona
Efen Santo
José Reyes Guerrero Gaitán
Carlos Augusto Paneso
Daniel Felipe Castro Basto
Jairo Arturo Muñoz
Jesús María Morales Morales
César Augusto Parra
Alciviades de Jesús Largo Hernández
Carlos de Jesús Báez Torres
Alfonso Pérez Mellizo

Miguel Emiro Pérez
José Jair Cortés
Emigdio Dávila
Aldemar Parra García
Miguel Ángel Hoyos
Eberto Julio Gómez Mora
Wilfredy González Noreña
Albenio Isaias Roseo Alvarez
Edenis Barrera Benavides
Fabian Antonio Rivera Arroyave
Eder Cuetia Conda
Falver Cerón Gómez
Hernando Murillo Armijo
Jorge Iván Bigamá Ogarí
Emilsen Manyoma
Edmiro León Alzate Londoño
Wiwa Yoryanis Isabel Bernal Varela
Edilberto Cantillo Meza
Ruth Alicia Lopez Guisao
Javier Oteca Pilcué
Deiner Alexander Mendez Berrío
Diego Fernando Rodriguez
Montenegro
Eliver Buitrago Gutierrez
Luis Genaro Ochoa Sánchez
Camilo Alberto Pinzon Galeano
Rubiel Sánchez Vargas
Idaly Castillo Narváez
Severino Grueso Caicedo
Jose María Lemus Téllez
Nelson Fabra Díaz
José Rafael de la Hoz Villa
Álvaro Arturo Tenorio Cabezas
Mario Andrés Calle Correa
Jorge Arbey Chantre Achipiz
Jáider Jiménez Cardona
Nolberto Lozada Ramón
Gerson Acosta Salazar
Bernardo Cuero Bravo
Mauricio Fernando Vélez Lopez
Segundo Victor Castillo
Ezequiel Rangel Romano
Washington Cedeño Otero

GUATEMALA

Sebastian Alonso Juan
Francisca Aguilar
Salvador Manuel Villagrán Trujillo
Tomás Francisco Ochoa Salazar
Francisco Xol Beb
Brenda Domínguez
Maaz Coc Carlos
Laura Leonor Vasquez Pineda
Mateo Tzip Xo
Ramón Pérez Carrera
Eugenio López y López

HONDURAS

Sherlyn Montoya
Faustino Murillo
José Alfredo Rodríguez
Carlos william Flores
José de los Santos Sevilla

Silvinio Zapata Martinez
Roque Martínez Ramos

MÉXICO

Juan Ontiveros Ramos
Silvestre de la Toba Camacho
José Alberto Toledo Villalobos
Miriam Rodríguez Martínez
Isidro Baldenegro Lopez
Benjamín Juárez José
Marco Antonio Pazuengo Salazar
Fredy Cruz García
Alan Geovani Martínez Contreras
Rafael Hernández Cisneros
Marciano Martínez Cruz
Antonio Santiago González
Humberto Morales Santíz
Cecilio Pineda Birto
Hiram Yussel Tejeda Salas
Ricardo Monlui Cabrera
Miroslava Breach Velducea
Juan José Hernández Alchino
Santiago Crisanto Luna
Luis Gustavo (menor) Hernández
Cohenete
Francisco Jiménez Alejandre
José Carlos Jiménez Crisóstomo
Maximino Rodríguez Palacios
Gerardo Corona Piceno
Héctor Jonathan Rodríguez Córdoba
Agustín Vázquez Torres
Miguel Vázquez Torres
Rodrigo Guadalupe Huet Gómez
Meztli Omixochitl Sarabia
Fernando Tlaxcalteca

NICARÁGUA

Felipe Perez Gamboa
Celedonia Zalazar Point
Camilo Frank Lopez

VENEZUELA

Freddy Menare

RDC

Alphonse Luanda kalyamba Nguba
Tsongo Sikuliwako Alex

ÁFRICA DO SUL

Sibonelo Patrick Mpeku
Soyeso Nkqayini
Mohahu Daniel Maseko

TANZÂNIA

Wayne Lotter

UGANDA

Erasmus Irumba

BANGLADESH

Abdul Hakim Shimul

MYANMAR

U Ko Ni
Htay Aung
Lung Jarm Phe

PAQUISTÃO

Hina Shahnawaz
Muhammed Jan Gigyani

FILIPINAS

Manuelita Cumba Mascariñas-Green
Lando Moreno
Apolonio Maranan
Vivencio Sahay
Webby St Argabio
Arnel Otacan
Erning Aykid
Virgilio Balungag
Lolita Pepito
Rodrigo Timoteo
Perfecto Hoyle
Elioterio Moises
Paez Father Marcelito
Daniol Lasib
Elisa Badayos
Alejandro Laya-Og
Edwin Pura
Roger Timboco
Lomer Gerodias

Jezreel Arrabis
Dalia Arrabis
Veronico Lapsay Delamente
Venie Diamante
Alexander Ceballos
Wencislao Pacquiao
Renato Anglao
Wilerme Agorde
Edweno Catog
Matanem Lorendo Pocuan
Emelito Rotimas
Glenn Ramos
Orlando Eslana
Ramón Dagaas Pesadilla
Leonila Tapdasan Pesadilla
Cora Molave Lina
Arlene Almonicar
Armen Almonicar
Pedro Pandagay
Hasan Billamin Turabin
Danilo Ruiz Nadal
Elias Pureza
Bernardo Calan Ripdos
Federico Sanchez Plaza
Rodolfo Jr. Dagahuya
Ana-Marie Digaynon Aumada
Jessie Cabeza
Gilbert Rosima Bancat
Joseph Baning

Meliton Catampungan
Carolina Arado
Silvestre Maratas
Mario Castro Basto
Alberto Tecson
Oscar Jr Asildo
Obello Bay-ao
Luardo Yac
Eddie Alyawan
Lito Casalla
Reneboy Mayagano
Ande Latuan

TAILÂNDIA

Chaiyaphum Pa-sae

INDIA

Lafiqul Islam Ahmed
Kanhaiyalal Patidar
Abhishek Patidar
Bablu Patidar
Prem Singh Patidar
Surendra Singh Patidar
Sathyanarayan Dhangar
Suhas Haldankar
Rajesh Savaliya
Rathia Jailal
Mukesh Dube
Subramanian

Palanivelu
Gauri Lankesh
Kathiresan
Muthalagan

MALDIVAS

Yameen Rasheed

BARÉM

Mohamed Kazem Mohsen Zayn al-Deen

EGITO

Gamal Sorour

IRAQUE

Arkan Sharif

MALTA

Daphne Caruana Galizia

PALESTINA

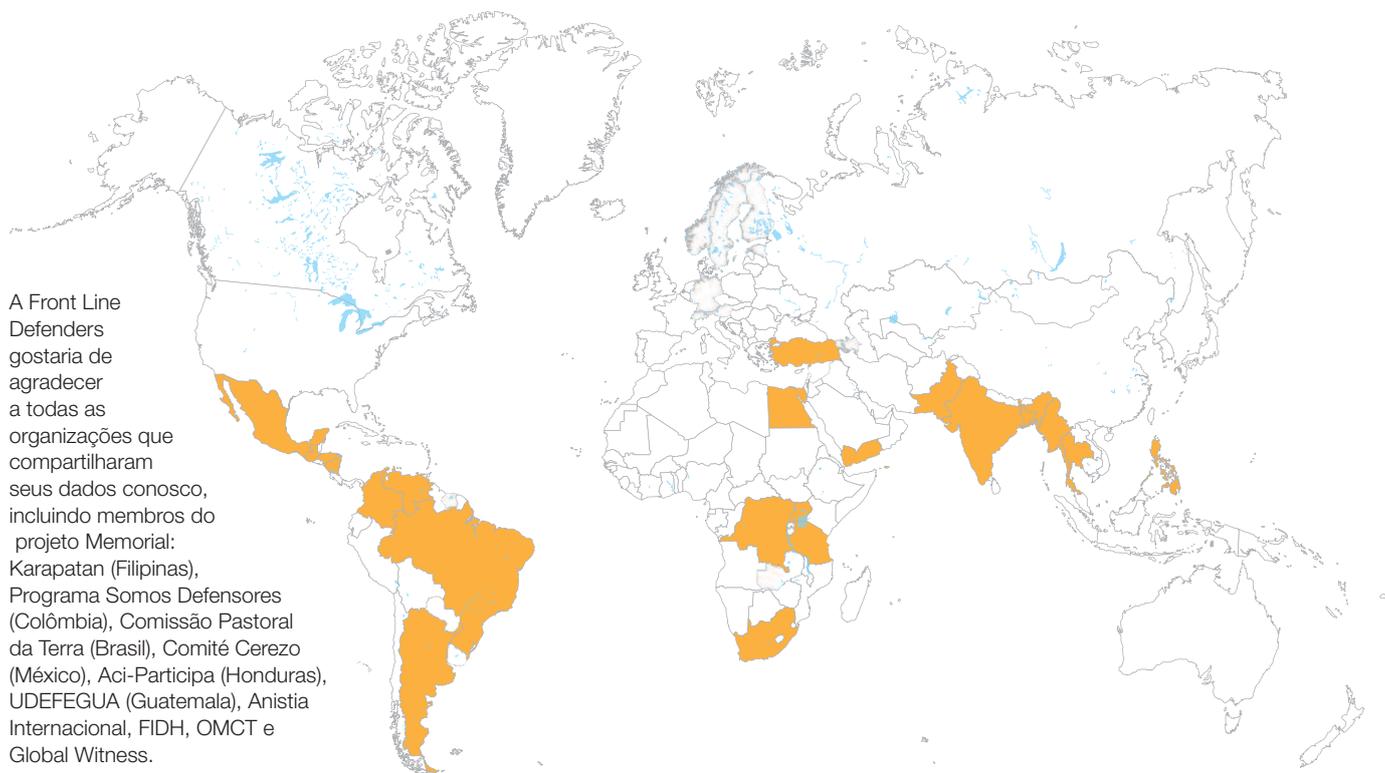
Ibrahim Abu Thuraya

TURQUIA

Ali Ulvi Büyüknohutçu
Aysin Büyüknohutçu

IÊMEN

Amjad Abdulrahman Mohammed
Mohammad Kheir Othman



A Front Line Defenders gostaria de agradecer a todas as organizações que compartilharam seus dados conosco, incluindo membros do projeto Memorial: Karapatan (Filipinas), Programa Somos Defensores (Colômbia), Comissão Pastoral da Terra (Brasil), Comité Cerezo (México), Aci-Participa (Honduras), UDEFEGUA (Guatemala), Anistia Internacional, FIDH, OMCT e Global Witness.

análise global

Em um contexto global altamente contestado, no qual o avanço dos direitos humanos tem desafiado cada vez mais ditadores, conservadores religiosos e capitalistas abutres, há o crescimento de uma estratégia coordenada e bem dotada de recursos para difamação, criminalização e violência empregadas a fim de intimidar, marginalizar e silenciar pessoas defensoras de direitos humanos. O custo humano tem sido alto, mas, apesar de todos esses esforços, existem mais defensoras e defensores trabalhando em mais pautas, em mais países, do que nunca.

Em 2017, a Front Line Defenders recebeu relatos sobre **o assassinato de 312 defensoras e defensores em 27 países**.¹ E, ainda assim, a criminalização continuou sendo a estratégia mais comum empregada para obstruir e deslegitimar o trabalho de defensores/as. Milhares de pessoas defensoras de direitos humanos foram detidas, indiciadas sob acusações falsas, submetidas a processos judiciais alongados, caros e injustos e, em alguns casos, sentenciadas a longas penas de prisão. A onda de legislações restritivas, tendo como alvos defensores/as e os meios de comunicação independentes, continuou em 2017 e, tanto as táticas de legalidade duvidosa, quanto aquelas mais violentas, por parte dos opressores, foram acompanhadas por campanhas de difamação profissionais e bem dotadas de recursos.

O número de assassinatos de pessoas defensoras de direitos humanos manteve-se em patamares verdadeiramente chocantes e a fraca resposta dos governos nacionais e da comunidade internacional dá pouca esperança de que isso mude a curto prazo. **80% dos assassinatos ocorreram em apenas quatro países – Brasil, Colômbia, México e Filipinas.**

Uma análise do trabalho realizado pelas pessoas assassinadas é instrutiva: 67% estavam engajadas na defesa dos direitos à terra, ao meio ambiente e dos povos indígenas e, quase sempre, no contexto de megaprojetos, indústrias extrativistas e grandes empresas. Em muitos países, os governos e as forças de segurança foram, na melhor das hipóteses, indiferentes às ameaças e ataques enfrentados por defensoras e defensores e, na pior das hipóteses, as forças de segurança do Estado foram responsáveis pelos assassinatos. Em sua maioria, investidores internacionais e empresas relacionadas, cujo financiamento e apoio iniciaram e permitiram tais projetos, ainda não consideram as lideranças comunitárias locais e as pessoas defensoras de direitos humanos como atores-chave a serem consultados no planejamento de projetos. Essa falta de consulta aumenta o risco de confrontos no desenvolvimento do projeto e omite das companhias sinais de alerta antecipados quando surgem conflitos em áreas locais. Em 84% dos assassinatos onde a Front Line Defenders tem as informações necessárias, o/a defensor/a **já havia recebido uma ameaça**, destacando que se ações preventivas fossem tomadas pela polícia em um estágio inicial, os ataques contra defensores e defensoras poderiam ser drasticamente reduzidos.

A impunidade por atos de violência contra pessoas defensoras de direitos humanos continua a permitir um ambiente de mortes frequentes. Entre os casos nos quais a Front Line Defenders coletou dados, apenas 12% resultaram na prisão de suspeitos. Os níveis de impunidade existentes são exemplificados por um caso na Guatemala em abril, quando um tribunal absolveu o chefe da segurança de uma mina – então propriedade da empresa canadense *Hudbay Minerals* – pelo assassinato do defensor indígena, Adolfo Ich, e disparos de arma de fogo contra outro, German Chub, em 2009. A absolvição veio apesar das evidências de uma testemunha ligando o acusado aos fatos, além de evidências balísticas e forenses que o colocavam na cena dos crimes. Após a decisão, o juiz solicitou que fossem impostas acusações criminais contra muitas das pessoas responsáveis pela acusação inicial, incluindo a viúva do defensor, por supostamente “obstruir a justiça e falsificar informações”. A família do defensor falecido enfrentou intimidações ao longo dos últimos três anos, inclusive tendo tiros disparados fora de sua casa enquanto dormiam.

O mundo dos direitos humanos sofreu uma perda cruel em julho, quando o vencedor do Prêmio Nobel da Paz, Liu Xiaobo, morreu de câncer de fígado no oitavo ano de uma pena de 11 anos de prisão na China. Ele desenvolveu o câncer em algum momento após sua prisão em 2009, mas os responsáveis pelo cárcere não prestaram atendimento médico suficiente. Os médicos finalmente o avaliaram no final de maio de 2017 e diagnosticaram a doença, mas, àquela altura, o câncer de Liu Xiaobo já havia atingido fase terminal. Nesse ponto, ele foi transferido para um hospital, mas não foi liberado da detenção – ele permaneceu sob estrita vigilância. Sua esposa, Liu Xia, permaneceu em prisão domiciliar mesmo após sua morte, apesar de nunca ter sido acusada, processada ou condenada por qualquer crime. Liu Xiaobo foi o primeiro Prêmio Nobel a morrer sob custódia desde 1935, quando um pacifista e dissidente alemão, Carl von Ossietzky, morreu sob guarda nazista em um hospital. O tratamento e morte de Liu foi, como Stavros Lambrinidis, Representante Especial da UE, observou na Plataforma de Dublin para Defensores e Defensoras de Direitos Humanos, “um vergonhoso, vergonhoso exemplo estabelecido pela China para seu povo e para o mundo”. A falha em **promover tratamento médico adequado** a pessoas defensoras de direitos humanos sob detenção é uma tendência recorrente e mais uma ferramenta no arsenal de Estados repressivos para punir os defensores/as. Novembro testemunhou a morte do defensor de direitos

humanos núbio, Gamal Sorour, no Egito, devido à negligência médica, após sua prisão por participação em um protesto pacífico.

Em todas as regiões do mundo, **a criminalização continuou a ser a forma mais comum pela qual os governos buscam atingir pessoas defensoras de direitos humanos**, a fim de interromper seu trabalho e deslegitimá-las aos olhos de suas comunidades. Uma variedade de acusações falsas foram usadas para aprisionar defensores/as de direitos humanos que eram vistos/as pelos governos como uma ameaça, ao ponto de tentarem prendê-los/as por toda a vida – ou pior. Em vários países, defensores e defensoras de direitos humanos enfrentaram acusações de delitos como “emprender guerra contra o Estado” e “secessão”, as quais acarretavam a pena de morte. O fato de defensores em dois países – Sudão e Camarões – terem recebido perdões presidenciais para essas graves acusações serviu apenas, em primeiro lugar, para destacar o absurdo delas.

Os Estados persistiram no uso de **legislações antiterrorismo**, em definição ampla, para atingir pessoas defensoras e, além disso, procuraram iniciar ou estender estados de emergência por períodos indefinidos de tempo, após ataques terroristas. Em seu relatório à Assembleia Geral da ONU em setembro, a Relatora Especial da ONU sobre a Promoção e Proteção dos Direitos Humanos e Liberdades Fundamentais em meio ao Combate ao Terrorismo observou com preocupação: “a proliferação de estados de emergência permanentes e a normalização de poderes excepcionais de segurança nacional no âmbito dos sistemas legais ordinários”.² Isso ficou evidente na Turquia, onde o estado de emergência em curso, declarado após uma tentativa de golpe em meados de 2016, permitiu a detenção de centenas de pessoas defensoras de direitos humanos, incluindo o caso de dez ativistas que participavam de um *workshop* sobre direitos humanos, os/as quais foram acusados/as de apoio ao terrorismo.

Em outras localidades, defensores/as que organizavam protestos, defendiam terras ancestrais ou documentavam violações, as quais ocorriam quando a polícia usava a força para dispersar aglomerações, foram rotineiramente detidos/as, ameaçados/as e assediados/as. O uso da **violência como um “primeiro recurso”** para responder a pessoas exercendo pacificamente sua liberdade de reunião tornou-se cada vez mais comum. Isso ficou evidente na África, Ásia, Américas, Oriente Médio e Norte da África (MENA, em inglês) e na Europa, onde a polícia espanhola usou força excessiva contra pessoas defensoras protestando pacificamente pela independência catalã. Houve também um aumento na perseguição a observadores internacionais e organizações que buscam documentar violações de direitos humanos. Em Belarus, 58 observadores internacionais, incluindo um membro da equipe da Front Line Defenders, foram brevemente detidos e interrogados pela polícia enquanto se preparavam para monitorar uma manifestação pacífica. Uma campanha de difamação foi realizada tendo como alvo a Global Witness em Honduras (e também mencionando Front Line Defenders e Oxfam), acusando a organização de ter motivações políticas em seu trabalho de apoiar pessoas defensoras dos direitos à terra, ao meio ambiente e dos povos indígenas – ecoando acusação comum feita contra defensores e defensoras de direitos humanos ao redor do mundo.

Os governos mantiveram a narrativa de que o monitoramento de suas ações em relação a direitos humanos constituía “interferência estrangeira em seus assuntos internos”, em grande parte desconsiderando os padrões internacionais com os quais se comprometeram voluntariamente. Quando mídias controladas pelo Estado realizam campanhas inflamadas defendendo esses sentimentos, e milhares de comentaristas raivosamente patrióticos ecoam essas acusações on-line, o próprio ato de questionar a política do governo, ou apontar violações, torna-se extremamente perigoso. Defensoras e defensores enfrentam um **bombardeio de mensagens e ameaças de ódio**, além do aumento do risco de sofrerem ataques em locais públicos, após suas fotografias e detalhes pessoais serem compartilhados on-line. Uma defensora dos direitos de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais (LGBTI), na Indonésia, relatou ter recebido mais de 500 comentários violentos sobre um poema que publicou on-line, no qual condenou um tuíte anti-LGBTI de um ministro do governo. Um efeito adicional (e objetivo) de assassinatos de caráter é isolar e alienar pessoas defensoras do público em geral, criando uma barreira entre elas e aqueles/as cujos direitos elas frequentemente lutam para proteger. Desse modo, defensoras e defensores de direitos humanos podem ser alvos dos governos como inimigos públicos, desviando convenientemente a atenção das deficiências dos próprios governos.

Isolar pessoas defensoras de aliados internacionais foi uma tática comum usada por governos, os quais implementaram **proibições de viagens** e fizeram uso de legislações que restringem o **financiamento estrangeiro** para ONGs, a fim de limitar o contato internacional. As represálias contra quem interage com mecanismos internacionais de direitos humanos continuaram a ser uma questão séria e o relatório do Secretário-Geral da ONU à Assembleia Geral, o qual destacou 26 países onde as represálias ocorreram, foi bem-vindo, atraindo mais atenção para a questão. No entanto, é provável que as represálias continuem, a menos que o Conselho de Direitos Humanos esteja equipado com meios para sancionar países que sistematicamente impeçam defensores e defensoras de cooperarem livremente com a ONU.

Difamação, intimidação e ameaças foram mais comumente usadas contra defensoras de direitos humanos do que suas contrapartes masculinas e frequentemente continham uma dimensão de gênero; 23% dos Apelos Urgentes sobre defensoras emitidos pela Front Line Defenders em 2017 estavam relacionados a ameaças ou intimidações por causa de

seu trabalho, em comparação a 10% para seus colegas homens. Algumas delas foram ameaças de violência sexual – em julho, a advogada e defensora de direitos humanos malaia Siti Kasim recebeu ameaças on-line de estupro, morte e ataque com ácido, após comentários que fez em defesa dos direitos LGBTI. No Barém, Ebtisam al-Saegh foi ameaçada de estupro pela polícia se não pusesse fim ao seu trabalho de direitos humanos. Posteriormente, ela foi submetida a agressão sexual enquanto estava sob custódia da polícia, aparentemente como uma represália por sua cooperação com os mecanismos de direitos humanos da ONU. Filhos/as de defensoras também foram ameaçados/as, como foi o caso da filha de Maria Leonilda Ravelo Grimaldo, na Colômbia, a qual teve uma arma apontada para si por dois homens em uma motocicleta. A dinâmica adicional e de gênero para a perseguição e ataques a defensoras prevaleceu em todas as regiões em 2017. Além disso, as defensoras encontraram discriminação dentro do próprio movimento de direitos humanos, ao desafiar normas culturais e sociais no decorrer de seu envolvimento público com o trabalho de direitos humanos.

O alcance dos Estados repressivos continuou a se estender a outros países, onde pessoas defensoras foram vigiadas, assediadas ou atacadas por se engajarem na defesa de direitos humanos, tornando a autocensura uma preocupação crescente. Em maio, o jornalista investigativo exilado Afgan Mukhtarli foi sequestrado e levado à fronteira da Geórgia com o Azerbaijão, tendo emergido neste país, horas depois, sob custódia policial. Naquele mesmo mês, um grupo de pessoas defensoras egípcias, que participavam de uma reunião de direitos humanos em Roma, foi seguido, assediado e filmado. A filmagem foi posteriormente usada para como base para uma campanha de difamação contra os defensores e as defensoras de direitos humanos na televisão egípcia, onde um parlamentar e apresentador de TV clamou por seus sequestros e afirmou que “qualquer traidor deve ser trazido em um caixão do exterior”.

Defensores e defensoras de direitos humanos que **trabalham em zonas de guerra** operaram, talvez, no ambiente mais perigoso de todos, já que a natureza imprevisível de vários conflitos tornou o planejamento de segurança extremamente difícil. Além disso, há muitas vezes a total ausência de leis ou redes de apoio para ajudar as pessoas defensoras em seu trabalho, e a presença de múltiplos agressores, os quais podem ver o trabalho de defensores e defensoras de direitos humanos documentando violações como problemático. Afeganistão, Iraque, Somália, Sudão do Sul, Síria e Iêmen foram apenas alguns dos países onde defensores/as continuaram corajosamente seus trabalhos, apesar dos conflitos armados em andamento. Na Líbia, observadores do *Libyan Centre for Freedom of the Press* (Centro Libanês para Liberdade de Imprensa) documentaram ataques físicos sistemáticos e ameaças sérias contra jornalistas e blogueiros/as líbios/as que denunciavam atrocidades cometidas pelos grupos armados que lutam em todo o país. Em dezembro, autoridades em Trípoli impediram o Centro de realizar um evento público e ameaçaram suas lideranças.

Apesar das circunstâncias desafiadoras descritas acima, houve algumas **vitórias para o movimento de direitos humanos** ao longo do ano. A pressão exercida sobre os governos, por meio de campanhas bem coordenadas de mobilização em massa, contribuiu para a libertação de pessoas defensoras sob custódia ou a reforma de suas condenações no Camarões, Sudão, Tanzânia e Turquia (ver abaixo). Em novembro, uma resolução liderada pela Noruega, reafirmando a importância do trabalho das pessoas defensoras de direitos humanos, foi aprovada por consenso no Conselho de Direitos Humanos da ONU, demonstrando que, apesar de defensores e defensoras estarem sob ataque em um número recorde de países, ainda existe um compromisso internacional com sua proteção. Dado que uma resolução de 2015 na Assembleia Geral em apoio às pessoas defensoras de direitos humanos foi adotada apenas por maioria dos votos, um retorno à aprovação por consenso foi uma afirmação positiva desse compromisso.

No entanto, o contexto político global, que inclui o presidente Trump, dos EUA, apoiando autocratas acusados de violações sistemáticas de direitos humanos, como o presidente filipino Duterte, garantiu dificuldades contínuas para defensores e defensoras de direitos humanos. Como a UE permaneceu focada em questões de migração e Brexit, distraiu-se de um dos seus objetivos gerais, nomeadamente “influenciar outros países a cumprirem as suas obrigações de respeitar os direitos dos defensores de direitos humanos” e a regressão de direitos nos países da UE, como a Polónia e a Hungria.³ A Turquia e o Egito se aprofundaram ainda mais no autoritarismo, enquanto **crises políticas** atingiram numerosos países das Américas, levando à prisão e à morte de defensores e defensoras de direitos humanos. Xi Jinping consolidou ainda mais seu poder na China após o 19º Congresso do Partido Comunista Chinês, mas a desaceleração do crescimento econômico e o aumento dos protestos e frustrações com a corrupção provavelmente continuarão minando a legitimidade do partido, garantindo que a brutal repressão às pessoas defensoras que ocorreu sob seu comando ainda persistirá nos próximos anos. O anúncio de Vladimir Putin de que concorreria novamente à presidência em 2018 faz com que uma situação semelhante seja provável na Rússia.

O ano de 2018 marca o 20º aniversário da Declaração da ONU sobre Defensoras e Defensores de Direitos Humanos. Nas duas décadas desde a Declaração, o crescimento significativo e as realizações do movimento global de direitos humanos não foram acompanhados pelo compromisso e determinação dos governos com o respeito a esses direitos. Muitos governos continuam a clamar apoio às pessoas defensoras de direitos humanos a nível internacional, ao mesmo tempo em que as atingem sempre que possível em casa.

áfrica

Os atores estatais e aqueles afiliados às forças de segurança do Estado foram os principais responsáveis pelas violações contra defensores e defensoras de direitos humanos na África em 2017. Assassinatos, tentativas de assassinato, perseguição judicial, detenção arbitrária e dissolução de organizações da sociedade civil foram estratégias usadas para atingir defensores/as.

As forças de segurança na República Democrática do Congo (RDC) e em Uganda foram provavelmente **responsáveis pelos assassinatos** de, pelo menos, três defensores ao longo do ano. Alphonse Luanda Kalyamba e Alex Tsongo Sikuliwako estavam trabalhando nas regiões orientais da RDC e foram mortos a tiros por agressores que se acredita serem membros das forças armadas nacionais, em junho e julho, respectivamente. Kalyamba foi provavelmente alvo em razão de sua defesa contra a situação das crianças-soldado na área, enquanto Sikuliwako estava ajudando uma vítima de extorsão e prisão arbitrária realizada pelo escritório da promotoria militar. Em Uganda, o ativista anticorrupção Erasmus Irumba foi morto a tiros por membros das forças de segurança de seu país em junho. Cinco meses depois, Sibonelo Patrick Mpeku, um defensor dos direitos dos moradores de barracos na África do Sul, foi arrastado de sua casa e esfaqueado até a morte no que pareceu ser uma retaliação por seu ativismo. Há pouca expectativa de que os envolvidos nos ataques na RDC sejam responsabilizados, uma vez que a **impunidade continua** sendo a norma. Não houve uma investigação adequada sobre os assassinatos de Marcel Tengeneza e do padre Vincent Machozi, dois defensores de direitos humanos cujos assassinatos foram destacados pela Front Line Defenders no Relatório Anual de 2016 da organização. Houve mais notícias positivas no caso de Erasmus Irumba, de Uganda, onde **vários suspeitos foram presos** e processos judiciais foram iniciados contra eles. Esforços semelhantes foram observados no país vizinho, Quênia, onde cinco pessoas, incluindo policiais, compareceram aos tribunais em diferentes datas em 2017 em conexão com suspeitas de seu envolvimento nos sequestros e subsequentes assassinatos do advogado de direitos humanos Willy Kimani, seu cliente e um motorista de táxi, em 2016. Esses processos, no entanto, continuam sendo a exceção à regra.

EVOLUÇÕES POSITIVAS

A ano de 2017 viu o início de uma “nova era” em Gâmbia, após a eleição democrática de Adama Barrow ao poder no final de 2016. Defensores e defensoras no país relatam que o novo presidente expandiu significativamente o espaço para a liberdade de expressão, após 23 anos do regime autoritário de Yahya Jammeh.

Em Uganda, James Rukanpana foi **baleado e ferido** em setembro em retaliação por seu trabalho em defesa dos direitos das comunidades locais de acessar vinte lagos de crateras, para água e pesca doméstica, após a aquisição dos lagos pela empresa *Ferdsult Engineering Services Limited*. Posteriormente, foi identificado que a pessoa que atirou no defensor era um guarda de segurança que trabalhava na *Ferdsult Engineering Services Limited*. A polícia prendeu o segurança, mas seu julgamento ainda não foi iniciado.

As autoridades de vários países africanos continuaram a **prender, deter arbitrariamente e iniciar processos judiciais frívolos** contra defensores/as de direitos humanos. As prisões foram muitas vezes realizadas contra pessoas defensoras depois de as autoridades compararem publicamente seu ativismo de direitos humanos com a recusa de cumprir a lei ou como uma manobra para incitar a população contra o Estado. Tal foi o caso de dois defensores na Tanzânia, que foram detidos em conexão com um workshop de capacitação focado em questões de governança em áreas de mineração. Eles foram acusados de “desobediência ao dever estatutário”, embora um tribunal tenha posteriormente descartado as acusações. Dois defensores de direitos humanos da Somalilândia foram presos por exigirem publicamente maior responsabilidade da força policial e o fim da impunidade policial na região autônoma da Somália.

Acusações relacionadas a “terrorismo”, muitas vezes sob ampla e vaga legislação de segurança nacional, e a **“ameaçar a segurança do Estado”**, foram usadas para atingir pessoas defensoras em Burundi, Camarões, Chade, Etiópia, Níger, Senegal e Togo. Autoridades no Camarões fizeram uso extensivo de uma lei antiterrorismo de 2014 para restringir as atividades da sociedade civil e perseguir defensores/as. Em abril, Ahmed Abba, correspondente em língua Hausa da *Radio France International*, foi condenado a 10 anos de prisão e multa de 84.000 euros pelo Tribunal Militar de laundé por “não denúncia de terrorismo” e “lavagem de dinheiro de ações terroristas”. Em sede de recurso, em dezembro, ele foi absolvido da última acusação, mas a primeira foi confirmada e ele foi sentenciado a dois anos de prisão, tempo que já havia cumprido. O defensor foi preso na cidade de Maroua em 2015, enquanto documentava os ataques cometidos pelo Boko Haram no norte do país.

Dezenas de incidentes de violência policial contra defensoras e defensores demonstraram, no entanto, que as autoridades estavam dispostas a usar todos os meios à sua disposição para silenciar as vozes críticas. Isto foi particularmente notável na perseguição a vários movimentos pró-democracia que continuaram a ganhar ímpeto em diferentes partes do continente. No Níger e no Chade, as lideranças da Campanha *“Tournons La Page”* – um movimento internacional que

defende a transferência democrática e pacífica de poder e é ativo em sete países africanos⁴ – foram presas e arbitrariamente detidas. No Níger, o coordenador do movimento foi alvo em razão de sua afiliação à campanha, mas foi levado a julgamento por acusações de “apropriação indébita”, as quais o promotor não conseguiu sustentar. Membros de dois importantes movimentos pró-democracia na RDC, LUCHA e Filimbi, que estiveram na vanguarda de uma campanha da sociedade civil pela transferência pacífica de poder e pela organização de eleições, sofreram repetidamente **brutalidade policial e detenção arbitrária** devido a seus protestos pacíficos. Pessoas defensoras de direitos humanos foram frequentemente mantidas sob custódia policial sem acusações formais; se acusadas, as alegações contra elas tendiam a envolver ameaças à segurança do Estado.

Defensores/as que pressionaram por uma abordagem baseada no respeito a direitos, quando da **exploração de recursos naturais**, também estiveram em risco. Em outubro, um defensor de direitos ambientais, Raleva, foi detido e acusado de “fazer o papel de um líder distrital” em resposta à sua persistente defesa de comunidades afetadas pela mineração de ouro por uma empresa chinesa no distrito de Mananjary, em Madagascar. Até o momento da elaboração deste relatório, ele permanece sob custódia. Em outubro, um tardio, mas bem-vindo e esperado avanço veio com decisão da Suprema Corte do Malauí de revogar a condenação de oito defensores/as do meio ambiente da Tanzânia que, em abril de 2017, foram condenados/as e sentenciados/as a penas suspensas por “invasão criminosa” e “condução de reconhecimento sem permissão”. As acusações foram feitas em conexão com uma inspeção planejada da mina de urânio Kayelekera.

Apesar dos avanços de alguns dos movimentos pró-democracia mencionados acima, houve pouca diminuição nas tentativas do Estado de limitar a eficácia e o alcance das ONGs. Na Tanzânia, oficiais de imigração lançaram uma investigação para averiguar a cidadania do coordenador da *Tanzanian Human Rights Defender Coalition* (Coalizão de Defensores/as de Direitos Humanos da Tanzânia), enquanto na Mauritânia, as autoridades confiscaram o passaporte do premiado⁵ defensor de direitos humanos e presidente de uma organização que trabalha contra escravidão, Biram Dah Abeid. No Quênia, várias organizações de direitos humanos receberam uma “**notificação de cancelamento de registro**” e pelo menos uma delas foi invadida por funcionários da autoridade fiscal do Quênia. Na Tanzânia, um sistema obrigatório foi introduzido em agosto, segundo o qual todas as ONGs devem ser verificadas e registradas, o que impõe obstáculos às organizações que defendem causas como os direitos LGBTI, ainda impopulares no país.

Tendo em vista o ambiente hostil em que defensores e defensoras operam em todo o continente, as organizações da sociedade civil local têm defendido a adoção de **legislações nacionais** para reconhecer e proteger pessoas defensoras de direitos humanos. Ao longo do ano, houve um fortalecimento da ação da sociedade civil na África Ocidental em favor da adoção dessas leis. No Burkina Faso, uma lei nacional para a proteção de pessoas defensoras foi adotada pela Assembleia Nacional em 27 de junho, enquanto o decreto de implementação de uma lei aprovada na Costa do Marfim foi adotado em fevereiro de 2017. No Mali, no momento da elaboração deste relatório, um projeto de lei estava em discussão no Parlamento. Níger e Serra Leoa estavam em um estágio inicial do processo legislativo.

QUESTÃO EM FOCO: PROTESTOS ANGLÓFONOS NO CAMARÕES

No final de 2016, advogados/as, estudantes, professores/as e grupos da sociedade civil das regiões noroeste e sudoeste do Camarões se engajaram em greves e protestos por várias semanas, em oposição ao que foi percebido como uma marginalização da minoria anglófona. Advogados/as que iniciaram as manifestações foram logo seguidos/as por professores/as, até o movimento se espalhar para outros setores da sociedade. Esses intensos protestos sociais foram severamente reprimidos pelas forças de segurança, levando à morte de muitos manifestantes, centenas de feridos e dezenas de detenções.

Em um esforço para silenciar os/as defensores/as de direitos humanos, as autoridades usaram legislação restritiva para limitar a liberdade de expressão e de reunião. Em janeiro, o governo prendeu dois líderes da sociedade civil, o advogado Nkongho Felix Agbor-Balla e o Dr. Fontem Aforteka’a Neba, representantes do movimento anglófono, e proibiu sua organização, o Cameroon Anglophone Civil Society Consortium (Consórcio da Sociedade Civil Anglófona do Camarões), que estivera envolvida na organização de desobediência civil não violenta para protestar contra as condições nas escolas e para exigir a libertação de estudantes e professores/as presos/as no final de 2016 e início de 2017. Eles ficaram detidos até o final de agosto, quando foram libertados por perdão presidencial. Nasako Besingi, um defensor de direitos ambientais que havia criticado a violência policial contra manifestantes, foi preso pelas forças de segurança em setembro de 2017 e levado para a prisão de Buea, onde ficou detido por dois meses antes de ser libertado.

Com as eleições presidenciais de 2018, a crise anglófona pode levar a uma maior instabilidade política, caso não seja resolvida. A prisão das principais figuras do movimento, a violência esporádica e as medidas repressivas do governo marcaram uma nova fase da crise e a postura agressiva tomada pelas autoridades, até agora, não parece estar trazendo solução à situação. Enquanto o movimento secessionista nascente ainda é marginal, não pode mais ser considerado insignificante.

PAÍS EM FOCO: ZIMBÁBUE

No final de 2017, o governo de 37 anos do presidente Robert Mugabe chegou a um fim abrupto, quando o exército interveio para garantir que o poder fosse passado a um ex-aliado de Mugabe, Emmerson Mnangagwa. Enquanto milhares de pessoas foram às ruas em comemoração à queda de Mugabe, pessoas defensoras de direitos humanos sinalizaram cautela e advertiram contra expectativas de mudanças radicais no ambiente de defesa dos direitos humanos. Alívio palpável com a saída de Mugabe entre defensores e defensoras é compreensível, dada a forma como o seu regime tratou essas pessoas e os ativistas da oposição – dois grupos distintos que ele intencional e rotineiramente considerava um só. Os assassinatos em massa que Mugabe desencadeou nas comunidades, enquanto consolidava seu poder nos anos após a independência, deram o tom de longos anos de violência descontrolada do Estado, violações generalizadas de direitos humanos e intolerância política.

Defensoras e defensores de direitos humanos que trabalham para denunciar a corrupção, a má administração econômica e as violações de direitos humanos perpetradas por policiais, militares e outros agentes do governo foram rotineiramente alvos e sujeitos/as a perseguição judicial e detenção arbitrária. Também foram alvos pessoas defensoras que trabalham com democracia, boa governança e responsabilidade pública; direitos LGBTI e direitos das mulheres; liberdade de expressão; monitoramento de abusos de direitos humanos; e defendendo a transparência nas indústrias extrativas do país. Durante a administração de Mugabe, particularmente durante episódios de crise política, tortura e sequestro foram usados como táticas para intimidar ou silenciar aqueles identificados como opositores políticos, entre eles defensoras e defensores. Foi neste contexto, por exemplo, que o defensor Itai Dzamara foi sequestrado em 2015 e permanece desaparecido mais de dois anos depois.

Emmerson Mnangagwa é o notório arquiteto das estruturas do ZANU-PF, partido no poder, e supervisionou violações bem documentadas de direitos humanos no Zimbábue, enquanto atuava como braço direito de Mugabe, durante quase quatro décadas; isso pode indicar que o que aconteceu foi simplesmente uma troca da guarda.

américas

Em 2017, as Américas testemunharam não apenas um aumento no número de assassinatos de pessoas defensoras de direitos humanos, mas elas também relataram um aumento no nível de violência com o qual outros ataques ocorrem. Em muitos casos, a violência foi cometida pelo próprio Estado, reforçado pelo despacho de tropas militares fazendo as vezes de forças de segurança pública.

Pelo menos **212 defensores e defensoras foram mortos/as nas Américas em 2017**, com 156 dessas mortes ocorrendo no Brasil e na Colômbia somente.⁶ O ano de 2017 também registrou o maior número dos últimos anos de assassinatos de pessoas defensoras do meio ambiente e jornalistas no México, em meio a uma crise de violência em todo o país. A aprovação de uma nova Lei de Segurança Interna no México, em dezembro, a qual permite o uso das forças armadas como mantenedoras da segurança pública, é particularmente preocupante, devido à sua formulação ambígua, provável implementação arbitrária e possíveis efeitos negativos em protestos sociais. Na Colômbia, esperava-se que o acordo de paz entre o governo e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) levasse a uma redução da violência; no entanto, o número de assassinatos de defensores e defensoras de direitos humanos, na verdade, aumentou desde que o acordo foi assinado. A maioria das pessoas defensoras mortas eram lideranças locais envolvidas em trabalhos sociais ou comunitários, em seus territórios, e morreram nas mãos de atores armados paramilitares ou “não identificados”. A propriedade da terra está na raiz do conflito armado e, sem uma implementação apropriada das reformas agrárias e do desmantelamento dos grupos paramilitares e de outros grupos armados, provavelmente haverá uma continuação do padrão em que as áreas desmobilizadas veem outros atores armados disputando para ganhar o controle de territórios anteriormente sob comando das FARC.

EVOLUÇÕES POSITIVAS

Em janeiro, um grupo de sete pessoas defensoras de direitos humanos guatemaltecas conseguiu um avanço significativo quando um tribunal de apelação canadense abriu caminho para que elas processassem a *Tahoe Resources*, uma empresa de mineração canadense, por ferimentos que sofreram como resultado de uma ação violenta para dispersar um protesto pacífico na mina de prata de Escobal. Espera-se que isso estabeleça um precedente e force as empresas de mineração canadenses a melhorar seus padrões de direitos humanos, especialmente no que se refere às pessoas defensoras de direitos humanos que protestam contra o impacto destrutivo da mineração.

No Brasil, houve um aumento tanto na violência quanto no **envolvimento das forças de segurança do Estado**. Em maio, dez pessoas defensoras de direitos humanos que reivindicavam pacificamente seu direito à terra foram mortas a tiros pela polícia, em Pau D'Arco. Seis semanas depois, uma testemunha do massacre, que estava escondida, também foi assassinada. Embora a maioria dos assassinatos no país esteja relacionada à defesa da terra e dos direitos dos povos indígenas, a violência contra defensoras e defensores de direitos humanos ultrapassou esses setores e inclui violações em áreas urbanas, como contra defensores/as de direitos humanos que trabalham nas favelas do Rio de Janeiro ou grupos LGBTI em Curitiba. Essa situação foi exacerbada pela crise política, pelas reviravoltas legislativas – em que os direitos anteriormente garantidos são retirados – e por um ambiente cada vez mais hostil para os defensores e as defensoras. Pessoas defensoras foram **regularmente caluniadas**, inclusive por políticos, empresários e líderes religiosos, como pessoas “más” ou “moralmente corruptas” que “merecem” o que quer que aconteça a elas. Esse tipo de discurso, visível principalmente em plataformas online, aumenta o espaço para a ocorrência de ataques violentos. Infelizmente, esse não foi o caso somente no Brasil; pessoas defensoras em toda a região foram retratadas como traidoras, terroristas, imperialistas, “feminazis” e variações desses termos, dependendo do país. Defensores/as foram atacados/as em programas de TV, mídias sociais, programas de rádio e em jornais.

A violência contra defensores e defensoras de direitos humanos aumentou concomitantemente à escalada das **crises políticas e econômicas** na Venezuela, Brasil, Guatemala, Paraguai, Honduras e Argentina. Quando a insatisfação popular foi manifestada através de protestos, o **uso excessivo da força** foi a resposta inicial – por vezes a única – para dispersar manifestações pacíficas. Mais de uma dúzia de manifestantes foram mortos em Honduras após a eleição presidencial de novembro, enquanto mais de 160 manifestantes foram mortos na Venezuela durante um período de três meses. Pessoas defensoras de direitos humanos se tornaram alvo tanto por organizar e mobilizar comunidades quanto por destacar as violações de direitos humanos que ocorreram posteriormente, quando as forças de segurança do Estado intervieram. Em agosto de 2017, Santiago Maldonado desapareceu durante um protesto pelos direitos do povo indígena mapuche, o qual foi violentamente reprimido pela Gendarmeria Nacional Argentina (GNA), uma força de segurança militar; seu corpo foi encontrado quase três meses depois, em circunstâncias ainda a serem esclarecidas. Em setembro, um ônibus cheio de observadores/as de direitos humanos em Honduras foi interceptado pelas forças de segurança do Estado, as quais jogaram gás lacrimogêneo no interior do veículo, resultando na hospitalização de várias pessoas defensoras que planejavam documentar a repressão em curso contra o movimento estudantil universitário.

Após quatro anos de recursos legais da organização ambientalista *Fundación Pachamama*, o Ministério do Meio Ambiente

do Equador anunciou em novembro que reverteria a decisão de 2013 de fechar os escritórios da ONG e dissolver seu status legal. O Equador iniciou o ano de 2017 com a tentativa de dissolução de outra organização de direitos ambientais, a *Acción Ecológica*, depois que a ONG pediu a criação de uma Comissão da Verdade Ambiental para investigar a destruição do meio ambiente e as violações dos direitos dos povos indígenas afetados pelas atividades de mineração. A organização foi então falsamente acusada de “desviar-se de seus objetivos legalmente constituídos” e “representar uma ameaça à segurança nacional”. Embora a decisão no caso da *Fundación Pachamama* tenha sido um avanço muito bem-vindo, as **restrições à operação e ao financiamento** de organizações da sociedade civil continuaram sendo uma preocupação na região, desde o congelamento das contas bancárias do *Centro de Documentación e Información*, na Bolívia, à discussão de uma lei de ONGs mais restritiva, na Guatemala.

A interposição de **processos judiciais infundados** contra defensores e defensoras de direitos humanos ainda foi uma das estratégias mais comuns usadas por governos e atores não estatais. Peru, Colômbia, Guatemala, Equador, Honduras e México foram responsáveis pela maioria dos casos denunciados à Front Line Defenders em 2017. Em muitas ocasiões, a perseguição judicial foi precedida ou acompanhada por difamações e campanhas de desprestígio a nível local. Em um caso típico, da Guatemala, o defensor do direito à terra Abelino Chub Caal foi acusado de “apropriação agravada de terras”, “incêndio criminoso”, “coerção”, “associação ilícita” e “pertencimento a grupos armados ilícitos”, em fevereiro, após seu trabalho persistente na defesa dos povos locais. Ele permanecia sob custódia ao final do ano, apesar de pedido do promotor para suspender o processo criminal, na ausência de provas contra ele. Abelino acompanha 29 comunidades cujas terras, direitos ambientais e culturais estão ameaçados por interesses da mineração.

O número e a frequência de **ataques contra defensoras de direitos humanos** também aumentaram. As ameaças e ataques recebidos frequentemente incluíam elementos relacionados não apenas ao seu trabalho, mas também ao seu gênero. A Front Line Defenders recebeu informações sobre casos dessa natureza em El Salvador, República Dominicana, Guatemala, Nicarágua, México, Brasil, Colômbia, Peru e Honduras. Os exemplos incluíam ameaças de violência e tortura sexual e assassinatos de caráter nas mídias sociais, bem como ataques direcionados a familiares ou parentes próximos. Em abril, uma amiga da líder camponesa Marylen Serna Salinas foi sequestrada e agredida sexualmente por três homens não identificados em Popayán, na Colômbia. Os homens afirmaram que o motivo do ataque foi o trabalho de Marylen. O filho de Francisca Ramirez foi agredido em abril em represália por seu trabalho em defesa das comunidades rurais na Nicarágua. Em julho, o filho da defensora de direitos trabalhistas Rita Amador López, do México, recebeu um telefonema de uma pessoa desconhecida que lhe disse para “[...] dizer a Rita que [...] vamos matar um de seus filhos”.

Durante o ano, a Front Line Defenders também recebeu relatos de um aumento alarmante de **ataques homofóbicos e transfóbicos** no Brasil, Colômbia, Equador, El Salvador, Honduras e Peru. Em julho, a tentativa de assassinato de Osmin David Valle Castillo, um destacado defensor de direitos humanos da comunidade LGBTI de Honduras, ocorreu alguns meses depois de ele ter solicitado medidas de proteção do governo, que nunca foram implementadas adequadamente. Defensores/as LGBTI na região também foram alvos de ataques nas mídias sociais, onde as ameaças contra eles/as eram quase uma ocorrência diária. Campanhas anti-LGBTI como “Não mexa com meus filhos”, no Equador e no Peru, ou campanhas lideradas por grupos que buscam minar direitos sexuais e reprodutivos ganharam força e ajudaram a gerar um clima de impunidade em relação a ataques contra defensoras de direitos humanos e defensores/as de direitos LGBTI.

Em todas as Américas, pessoas defensoras de direitos humanos relataram **ataques cibernéticos** visando atingir seu trabalho, sendo os mais comuns os ataques distribuídos de negação de serviço (DDoS), realizados contra organizações da sociedade civil e meios de comunicação independentes. Em 2017, a Front Line Defenders documentou esses ataques no Brasil, México, Colômbia, Venezuela, Equador, Peru, Guatemala e Nicarágua. Em junho, o New York Times publicou um artigo detalhado sobre o gasto de US\$ 80 milhões do governo mexicano em spyware contra advogados/as, jornalistas e pessoas defensoras de direitos humanos.⁷ O relatório contém evidências sobre os casos de 12 defensores/as e seus parentes, que foram alvos através de tentativas de hacking altamente personalizadas e persistentes.⁸

QUESTÃO EM FOCO: ENVOLVIMENTO ESTATAL NA MORTE DA DEFENSORA DE DIREITOS AMBIENTAIS BERTA CÁCERES

Em novembro, um Grupo Consultivo Internacional de Especialistas (GAIPE), convocado para investigar as circunstâncias do assassinato da defensora de direitos ambientais Berta Cáceres, em Honduras em março de 2016, publicou seus achados.⁸ O relatório mostra a relação entre atores do alto escalão do Estado e atores não estatais em seu assassinato. “Barragem da violência: o plano que assassinou Berta Cáceres” sintetiza uma análise de mais de 40.000 páginas de registros telefônicos, bem como de bate-papos, mensagens de texto, coordenadas de GPS e e-mails extraídos de alguns telefones celulares apreendidos na investigação criminal. O relatório revela que o plano para matar a defensora nasceu em novembro de 2015. Informações obtidas através de registros telefônicos confirmam que houve uma tentativa contra sua vida em 5 e 6 de fevereiro de 2016. O relatório também expõe a existência de uma rede criminosa, composta de executivos e funcionários da empresa DESA, agentes do Estado e assassinos de aluguel, todos com diferentes níveis de responsabilidade pelo assassinato. Apesar de oito pessoas estarem sendo julgadas pelo homicídio, o Ministério Público não apresentou nenhum avanço em relação à autoria intelectual do crime, apesar de possuir evidências suficientes para promover novas linhas de investigação. O GAIPE também aponta para o papel das instituições financeiras internacionais, que, apesar de terem informações prévias sobre as ações do DESA e seu comportamento repressivo em relação às comunidades em oposição à barragem, não conseguiram garantir que os direitos das comunidades afetadas fossem respeitados.

PAÍS EM FOCO: EL SALVADOR

Defensoras e defensores de direitos ambientais em El Salvador comemoraram vitória após muita luta quando, em 29 de março, o governo aprovou por unanimidade uma lei para proibir a mineração de metais. É a primeira vez que um país foi oficialmente declarado livre de mineração. Durante décadas, defensores/as salvadorenhos/as acompanharam e mobilizaram comunidades que foram impactadas negativamente por projetos de mineração. Embora as chuvas sejam abundantes no país, quase todas as águas superficiais estão poluídas. Projetos de mineração em grande escala exacerbaram os problemas existentes, explorando os recursos hídricos que eram vitais para as comunidades locais e poluindo ainda mais seus territórios. Os benefícios prometidos, se algum dia vierem, não superam o impacto negativo sobre o meio ambiente; escassez de água, poluição, destruição de florestas e resíduos tóxicos são apenas algumas das consequências das atividades de mineração em grande escala. Pessoas defensoras de direitos humanos que se opõem a esses tipos de projetos estão entre as que se encontram em maior risco. Desde 2006, pelo menos cinco pessoas defensoras foram assassinadas por causa de seu trabalho em defesa do meio ambiente no país. Apesar das ameaças e violências em curso, defensores e defensoras construíram uma rede forte e inclusiva para coordenar suas atividades, o que foi fundamental para o avanço de sua causa. Independentemente de outros países seguirem o exemplo de El Salvador, essa vitória foi saudada como uma fonte de inspiração e motivação para defensores e defensoras de direitos ambientais em todo o mundo.

ásia e pacífico

As eleições e campanhas eleitorais realizadas em 2017 foram catalisadores para um **aumento significativo na repressão** e na detenção de muitas pessoas defensoras de direitos humanos (ver abaixo). Enquanto defensores/as estavam ocupados/as lidando com várias formas de ataques, incluindo assassinatos, ataques físicos, prisões arbitrárias e perseguição judicial, eles/as também foram forçados/as a investir recursos e esforços significativos para desenvolver novas estratégias de proteção, a fim de evitar ameaças cada vez maiores.

A defesa da proteção de pessoas defensoras de direitos humanos tornou-se cada vez mais difícil na Ásia, à medida que os governos da região adotam abordagens cada vez mais autoritárias à governança e rotulam os direitos humanos como “valores ocidentais”. A crescente **influência política e econômica** da China em muitos países asiáticos serviu para enfraquecer o impacto da defesa internacional dos direitos humanos. Em outubro, o presidente filipino Rodrigo Duterte acusou a União Europeia de interferir nos assuntos internos das Filipinas e ameaçou expulsar os embaixadores da UE do país se as críticas ao seu histórico de direitos humanos continuassem. No mês seguinte, Duterte pediu à polícia que atirasse em defensores e defensoras caso estivessem “obstruindo a justiça” em sua chamada “guerra às drogas”. Em setembro, em resposta às críticas dos governos ocidentais à repressão aos dissidentes no Camboja, um porta-voz do Ministério das Relações Exteriores chinês afirmou que a China “apoia os esforços do governo cambojano para proteger a segurança e a estabilidade nacional”.⁹ Enquanto diversos países criticaram fortemente Myanmar pela limpeza étnica dos Rohingya no oeste do país, a China aproveitou a oportunidade para encenar uma manifestação pública de apoio, ao abrir um escritório de representação na capital administrativa de Naypyidaw – uma medida que outros países têm relutado em tomar, em decorrência do isolamento da cidade e sua associação com os militares.

EVOLUÇÕES POSITIVAS

Em maio, a Suprema Corte de Taiwan decidiu que casais do mesmo sexo tinham o direito de se casar sob a constituição de Taiwan, tornando-se o primeiro país asiático a sancionar o casamento gay. As organizações de direitos humanos de Taiwan desempenharam um papel crucial na promoção dos direitos LGBTI; a *Taiwan Alliance to Promote Civil Partnership Rights* (Aliança de Taiwan para Promover os Direitos de União Civil) e outros grupos realizaram dezenas de protestos e assembleias, organizaram campanhas de informação, impetraram casos requerendo igualdade de casamento em tribunais e peticionaram a legisladores e outros funcionários do governo para acelerar a legislação em apoio à igualdade de casamento.

A **morte e o desaparecimento forçado** de pessoas defensoras continuaram a ocorrer com frequência alarmante. Como em anos anteriores, a grande maioria das pessoas defensoras mortas na Ásia foram aquelas que protegiam a comunidade e/ou os direitos dos povos indígenas em face do **agronegócio e da indústria** extrativa nas Filipinas, que continua sendo um dos países mais perigosos do mundo para se ser defensor/a de direitos humanos. Em fevereiro, o líder indígena Lumad, Renato Anglao, foi baleado duas vezes na cabeça enquanto viajava de motocicleta com sua esposa e filha de cinco anos em Quezon, na província de Bukidnon, no norte de Mindanao. O defensor documentava e divulgava violações de direitos humanos decorrentes da invasão de criadores de gado e proprietários de plantações de abacaxi em terras ancestrais da tribo Manobo-Pulangion. No que se tornou um típico subterfúgio para falta de aplicação da lei após um assassinato, a polícia local alegou que Renato Anglao estava na “lista de personalidades ilegais relacionadas às drogas, identificadas em sua área”.¹⁰ No momento da elaboração deste relatório, nenhuma investigação foi feita em relação a sua morte. Assassinatos de pessoas defensoras também ocorreram em Bangladesh, Índia, Maldivas, Myanmar, Paquistão e Tailândia.

No Paquistão, os **desaparecimentos forçados** continuaram sendo uma tática comum de intimidação e repressão. Várias pessoas defensoras de direitos humanos, incluindo blogueiros/as e ativistas contra desaparecimentos forçados, foram sequestradas. Algumas retornaram dias depois, mas muitas outras continuam desaparecidas. Desaparecimentos forçados também foram comuns na China, onde defensores/as de direitos humanos foram rotineiramente levados/as pelas forças de segurança do Estado e detidos/as por períodos variados de tempo, em locais não revelados. Um sistema aprovado pelos tribunais, denominado “Vigilância Residencial em um Local Designado”, permite que a polícia prenda um suspeito em qualquer local de sua escolha, sem necessariamente informar à família do detento. Os advogados de direitos humanos Jiang Tianyong, Gao Zhisheng e Xie Yang foram todos sujeitos a esta forma de detenção em 2017. Ao atacar defensores e defensoras com assassinato, sequestro e detenção em regime de incomunicabilidade, os perpetradores deliberadamente selecionam as pessoas defensoras mais destacadas em seu trabalho, a fim de dissuadir outros/as de seguirem seus caminhos.

Detenções, prisões e convocações foram praticadas no Camboja, na China, no Paquistão, nas Filipinas, no Sri Lanka e no Vietnã, enquanto sentenças de prisão foram impostas a defensores e defensoras na China e no Vietnã. **Assédio, ameaças e intimidação** de pessoas defensoras ocorreram em toda a região, incluindo Bangladesh, Índia e Tailândia.

Em junho, a defensora de direitos humanos e advogada Sultana Kamal, que trabalha com gênero, direitos ambientais, civis e políticos em Bangladesh, recebeu ameaças de morte de um grupo extremista islâmico, após sua defesa da instalação de uma estátua da justiça no pátio do Supremo Tribunal, em Daca.

O uso crescente de **legislações restritivas** foi detectado em Myanmar, Malásia e nas Maldivas, onde variações de “Atos de Reunião Pacífica” foram usados para limitar a capacidade de mobilização de defensores/as. Tentativas de refrear sua influência on-line ficaram evidentes com o amplo uso da legislação relacionada à Internet, como a Lei de Informação, Comunicação e Tecnologia, em Bangladesh, a Lei de Prevenção a Crimes Eletrônicos, no Paquistão, a Lei de Crimes Cibernéticos, na Tailândia, e o Ato de Comunicações e Multimídia, na Malásia.

As defensoras de direitos humanos e defensores/as LGBTI continuaram a enfrentar desafios cada vez maiores e muitas vezes únicos, impulsionados por **tradições patriarcais profundas** em muitas sociedades asiáticas. Além disso, aqueles/as que trabalham com direitos refutados por grupos extremistas religiosos estiveram em risco elevado, devido a ataques e violência de forma cada vez mais direcionada e pessoal. Pelo menos 11 defensoras de direitos humanos foram mortas na Ásia em 2017. Na Indonésia, pessoas defensoras que trabalham com direitos LGBTI enfrentaram ameaças de morte, ataques a escritórios e ataques físicos por parte das forças governamentais e islamistas.

QUESTÃO EM FOCO: REPRESSÃO PRÉ-ELEITORAL A PESSOAS DEFENSORAS DE DIREITOS HUMANOS

Vários países asiáticos realizarão eleições nacionais em 2018 e 2019. À frente dessas eleições, os governos iniciaram medidas repressivas contra quem quer que considerem ameaçar seu poder político, incluindo pessoas defensoras de direitos humanos que criticam as irregularidades cometidas pelos governos. O Camboja é o exemplo mais significativo disso, onde a perseguição a defensores/as aumentou consideravelmente após as eleições locais em junho. Ao final do ano, o principal partido da oposição havia sido fechado, a mídia independente amordaçada e defensores/as de direitos humanos, jornalistas e políticos, todos/as submetidos/as à prisão. Na Malásia, antes das eleições gerais de 2018, o governo passou a perseguir defensores/as de direitos humanos que exigem eleições livres e justas ou protestam contra a corrupção. Defensoras e defensores de direitos humanos foram atingidos/as com invasões a escritórios, detenções arbitrárias e acusações forjadas de organização de assembleias ilegais. Na Indonésia, onde eleições presidenciais ocorrerão em 2019, a religião está se tornando uma questão cada vez mais dominante e é usada para fazer ataques populistas contra minorias, inclusive contra pessoas defensoras de direitos humanos trabalhando com os direitos da comunidade LGBTI e das minorias religiosas. Defensoras e defensores experimentaram ataques de multidões, campanhas de difamação e ameaças de morte.

Nas Maldivas, pessoas defensoras de direitos humanos foram perseguidas por destacarem os fracassos do governo antes das eleições presidenciais de 2018. Em abril, o proeminente defensor de direitos humanos e ativista de mídia social Yameen Rasheed foi brutalmente esfaqueado até a morte. Yameen estava fazendo campanha por justiça após o desaparecimento de um companheiro defensor em 2014. Ele também criticava abertamente a corrupção do governo e lutou contra a impunidade por crimes contra jornalistas e ataques à liberdade de expressão. Seu assassinato tinha a intenção de enviar uma mensagem a vozes dissidentes e, após o crime, várias pessoas defensoras de direitos humanos deixaram temporariamente o país. Em setembro, o governo das Maldivas suspendeu 54 advogados/as de exercerem a profissão em qualquer tribunal, após eles/as tentarem externar preocupações sobre a independência do Judiciário. No Paquistão, houve disputas de poder entre lideranças políticas e os militares, com vistas às eleições de 2018. Defensoras e defensores foram pegos/as no meio dessa disputa, na medida em que os/as críticos/as de abusos militares ou de campanhas contra os desaparecimentos forçados pelos militares foram sequestrados/as e torturados/as. Em Bangladesh, o governo tem sido cuidadoso em manter o status quo político e, portanto, tem adotado medidas extremamente duras em resposta a qualquer crítica percebida. Defensoras e defensores foram mortos/as e desapareceram, foram ameaçados/as e sujeitos/as a acusações fabricadas, enquanto os protestos foram interrompidos com uso de força desproporcional.

PAÍS EM FOCO: VIETNÃ

Blogueiros/as, acadêmicos/as e jornalistas vietnamitas que trabalham há anos para impulsionar uma agenda de direitos humanos foram alvo de uma campanha sistemática em 2017. Aqueles/as defendendo a liberdade de expressão, direitos ambientais e direitos religiosos foram presos/as, processados/as e sentenciados/as a longos períodos de prisão como “inimigos/as do Estado”. Os artigos 79 e 88 do Código Penal, relativos a “atividades destinadas a derrubar o governo” e “propaganda antiestatal” foram usados para condenar as pessoas defensoras de direitos humanos Nguyen Ngoc Nhu Quynh (conhecida como Me Nam), Tran Thi Nga e Nguyen Van Oai de cinco a dez anos de prisão e tempo adicional sob prisão domiciliar.

Um número de pessoas defensoras de direitos humanos e grupos pouco organizados, usando a Internet para promover direitos humanos, enfrentaram o impacto da repressão e foram alvo de prisões arbitrárias e detenções em regime de incomunicação. Defensoras e defensores também enfrentaram assédio, intimidação e vigilância por entrarem em contato com diplomatas estrangeiros ou realizarem reuniões com representantes de organizações internacionais de direitos humanos. Em novembro, três pessoas defensoras foram detidas após reunião com a Delegação da UE em Hanói, antes do Diálogo UE-Vietnã sobre Direitos Humanos. Defensores e defensoras do meio ambiente que protestavam pacificamente contra a falta de transparência do governo após um grande vazamento de petróleo por Formosa, uma empresa de propriedade taiwanesa, foram atacados/as fisicamente quando exerciam seu direito à liberdade de reunião. Em novembro de 2017, Nguyen Van Hoa, de 22 anos, foi condenado a sete anos de prisão por investigar o vazamento de Formosa. Embora o Vietnã parecesse estar fazendo algum progresso em direção a um maior respeito aos direitos humanos e à sociedade civil, este cenário foi interrompido em 2017, com algumas pessoas defensoras de direitos humanos sugerindo uma ligação com a crescente influência da China na região e a falta de proeminência dos direitos humanos por parte dos EUA do presidente Trump.

europa e ásia central

Na parte oriental da região, ameaças, **perseguição judicial e ataques físicos** foram as formas mais comuns pelas quais defensores e defensoras de direitos humanos foram alvos, enquanto a legitimidade do seu trabalho esteve constantemente sob ataque pelo discurso do Estado. Dentro da União Europeia, a contínua expressão de apoio às pessoas defensoras de direitos humanos não impediu a deterioração da situação da sociedade civil em alguns de seus Estados-membros.

A luta para obter o controle da narrativa da sociedade civil foi evidente na Armênia, Azerbaijão, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão e Uzbequistão, à medida que uma nova sofisticação surgiu na organização, desenvolvimento e influência de **“organizações não governamentais organizadas pelo governo” (GONGOs, em inglês)**. Essas GONGOs, que operaram de forma muito mais coerente do que em anos anteriores, defenderam as perspectivas dos governos, em um esforço para abafar as vozes independentes da sociedade civil. Elas influenciaram legislações nacionais e estiveram cada vez mais presentes em conferências e encontros internacionais de direitos humanos, a fim de promover agendas pró-governo e os chamados “valores tradicionais”.

Legislações que restringem o acesso a financiamento estrangeiro

para ONGs ou penalizam os beneficiários dessa assistência continuaram a se espalhar na região. Obcecado com as atividades do filantropo húngaro George Soros, o governo da Hungria adotou uma lei visando ONGs que recebem mais de US\$ 24.000 anualmente em doações estrangeiras e que não se registraram junto às autoridades, em até 15 dias, como “organização financiada por estrangeiros” – informação que deve ser divulgada em seus sites e em todas suas publicações. A Anistia Internacional da Hungria anunciou que não cumpriria com essa legislação e que a desafiaria na Justiça. Na Ucrânia, um projeto de lei semelhante, impondo exigências de registro às organizações que recebem financiamento, serviços ou assistência técnica internacionais, ainda está pendente de análise. Na Irlanda, como resultado da ampla definição de “propósitos políticos” na legislação eleitoral, a Anistia Internacional da Irlanda foi instruída pela Comissão de Conduta em Funções Públicas a devolver parte de seu financiamento da *Open Society Foundation* (OSF), em razão da ocorrência de um referendo sobre direitos sexuais e reprodutivos em 2018.

Em uma evolução positiva na Rússia, o primeiro caso de perseguição criminal de uma liderança de ONG sob a Lei de Agentes Estrangeiros foi encerrado, em julho, com a absolvição de Valentina Cherevatenko, presidente do *Coordination Council of the Women of the Don Union* (Conselho de Coordenação da União das Mulheres de Don). No entanto, até o momento, 88 organizações da sociedade civil são designadas como desempenhando funções de **“agentes estrangeiros”**, entre elas todas as principais organizações russas de direitos humanos.

A lei de 2015 sobre **“organizações indesejáveis”**, que proíbe qualquer organização estrangeira que possa prejudicar a segurança, a defesa ou a ordem constitucional da Rússia, continuou a ser usada contra ONGs. Até o momento, o registro de “organizações indesejáveis” inclui 11 organizações. Em 2017, o *SOVA Centre for Information and Analysis* (Centro SOVA de Informação e Análise), um think tank de direitos humanos, e a Fundação Andrey Rylkov para Saúde e Justiça Social, que trabalha com usuários de drogas, foram acusadas de violação desta legislação devido a hiperlinks em seus sites direcionando à OSF e ao *National Endowment for Democracy – NED* (Fundo Nacional para a Democracia), financiado pelos EUA, organizações que anteriormente haviam financiado as ONGs. Tanto o NED como a OSF são designadas como “organizações indesejáveis” na Rússia. Em novembro, uma nova **Lei de “Agentes Estrangeiros da Mídia”** foi assinada. Ela tem como alvo as organizações de mídia que recebem financiamento estrangeiro, impondo requisitos adicionais e introduzindo sanções para os meios de comunicação que não conseguirem cumpri-los.

Em dezembro, o parlamento polonês adotou duas leis preocupantes que dão aos políticos o poder de controlar nomeações para o poder Judiciário e para a Suprema Corte. A Comissão de Veneza do Conselho da Europa descreveu a medida como colocando “em sério risco a independência de todas as partes do Judiciário polonês”.¹¹

Além de atacarem as estruturas de apoio que pessoas defensoras de direitos humanos haviam construído ao longo dos anos, defensores/as também foram individualmente perseguidos/as com frequência. Defensoras e defensores na Crimeia,

EVOLUÇÕES POSITIVAS

No Uzbequistão, um dos países mais repressivos da região, houve a surpreendente libertação antecipada de vários defensores, os quais passaram muitos anos na prisão. Azam Farmonov, Ganihon Mamathanov e Salizhon Abdurakhmanov foram libertados da prisão enquanto Jamshid Karimov foi libertado do confinamento psiquiátrico forçado. Em outro passo positivo, depois de muitos anos de isolamento internacional, o governo uzbeque fez um convite ao Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, que visitou o país em maio, e também estendeu convites a representantes de ONGs internacionais. Apesar destes desenvolvimentos promissores, houve novas detenções de jornalistas no final do ano.

sob ocupação russa desde 2014, enfrentaram numerosos **ataques policiais, interrogatórios e prisões**. Em janeiro, o vencedor do Prêmio Front Line Defenders de 2017, Emil Kurbedinov, foi condenado a dez dias de detenção administrativa por sua representação legal dos tártaros da Crimeia, os quais foram particularmente perseguidos pelas autoridades de fato. O isolamento da península da comunidade internacional e a saída de muitas pessoas defensoras locais aumentaram a vulnerabilidade daqueles/as que continuam a lutar pelo respeito aos direitos humanos na Crimeia.

Defensores e defensoras da comunidade LGBTI enfrentaram um ano particularmente difícil na região. Na Chechênia, jornalistas da Novaya Gazeta receberam **ameaças de morte** por revelarem informações sobre o grande número de detenções, torturas e assassinatos de pessoas suspeitas de serem homossexuais. Em uma demonstração de cooperação, e esforço espetacular, entre pessoas defensoras de diferentes países, lideradas pela Rede LGBT da Rússia, muitos alvos de ataques foram realocados com sucesso para áreas mais seguras. Defensores e defensoras da Rede LGBT da Rússia, a qual coordenou a assistência às vítimas, foram posteriormente ameaçados/as. Em outros lugares na Rússia, o uso da legislação discriminatória conhecida como **“lei da propaganda gay”** resultou em condenação e multa a Evdokia Romanova, que repostou links para artigos sobre direitos LGBTI em suas contas em mídias sociais. Na Ucrânia, várias reuniões LGBTI foram **fisicamente atacadas** por grupos que se autodenominam “patriotas e defensores dos valores nacionais”. Detenções de pessoas LGBTI também ocorreram em grande escala no Azerbaijão. No Tajiquistão, defensores/as de direitos humanos relataram a criação de listas de pessoas identificadas como sendo gays pela polícia.

Os governos continuaram a reprimir manifestações pacíficas em toda a região. Desde fevereiro, milhares de pessoas em Belarus protestaram pacificamente contra um decreto que penalizava pessoas que haviam trabalhado menos de 183 dias por ano, ao impor sanção na forma de multa e/ou prisão administrativa, efetivamente criminalizando o desemprego. Muitas pessoas defensoras de direitos humanos foram **presas e condenadas por seu papel no monitoramento das manifestações**. Em uma vitória significativa para os manifestantes, em outubro, uma nova versão do decreto aboliu as penalidades. Na Espanha, um referendo sobre a independência da Catalunha resultou em uma crise sem precedentes. Organizações de direitos humanos denunciaram medidas desproporcionais que limitaram a liberdade de expressão e a liberdade de imprensa, ao mesmo tempo em que ressaltaram o uso excessivo da força policial na dispersão de manifestações e na perseguição a jornalistas.

Defensores e defensoras de direitos dos migrantes e refugiados foram alvos na Croácia, Chipre, França, Grécia, Itália, Macedônia, Rússia, Sérvia, Turquia e Ucrânia. Uma narrativa ligando o tráfico de pessoas a ONGs foi propagada, a fim de atingir pessoas defensoras de direitos humanos que auxiliam refugiados/as. Em dezembro, a defensora de direitos humanos espanhola Helena Maleno Garzón foi acusada, no Marrocos, de facilitar o tráfico de pessoas e a imigração clandestina, em razão de seu trabalho de assistência a migrantes e refugiados. Na França, Cedric Herrou, um agricultor e ativista de imigração, foi condenado em agosto por auxílio em imigração ilegal e recebeu uma sentença de quatro meses, com pena suspensa. Em junho, sua advogada, Mireille Damiano, recebeu ameaças de morte em uma carta anônima acusando-a de ajudar imigrantes.

QUESTÃO EM FOCO: REPRESÁLIAS CONTRA JORNALISTAS INVESTIGATIVOS/AS E ATIVISTAS ANTICORRUPÇÃO

Ataques contra a liberdade de expressão através da perseguição a jornalistas investigativos/as foi uma das principais tendências repressivas nesta região em 2017. Em Malta, dentro das fronteiras da UE, a jornalista investigativa e blogueira Daphne Caruana Galizia foi morta de forma chocante, em outubro, por uma bomba plantada em seu carro. A defensora de direitos humanos foi crítica da corrupção na cena política de Malta e recebeu numerosas ameaças no passado, como resultado de seu trabalho, em particular a sua contribuição para a investigação do “*Panama Papers*”.

No início do ano, o blogueiro azerbaijano e iniciador da campanha “Caça aos Funcionários Corruptos”, Mehman Huseynov, foi preso e torturado pela polícia por causa de seu trabalho documentando a corrupção dentro do partido governista do Azerbaijão. Ele foi condenado a dois anos de prisão por acusações de difamação em março. Também no Azerbaijão, a polícia revistou o escritório da agência de notícias Turan, confiscou equipamentos e seu editor-chefe ficou preso por um curto período de tempo em agosto. No final do ano, o *Organised Crime and Corruption Reporting Project* (Projeto de Denúncia do Crime Organizado e da Corrupção) publicou uma investigação aprofundada sobre lavagem de dinheiro por funcionários do Azerbaijão e seu uso para subornar políticos do Ocidente, inclusive na Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa. O site do projeto foi bloqueado no Azerbaijão e jornalistas foram perseguidos/as, inclusive por meio de chantagem e ameaças às suas famílias.

Na Ucrânia, o presidente assinou emendas à Lei “Contra a Corrupção”, em março, que obriga ativistas anticorrupção a submeterem declarações eletrônicas públicas sobre suas propriedades, requisito anteriormente aplicado apenas aos funcionários públicos. Além disso, de acordo com a Lei alterada, indivíduos que prestam serviços a ONGs de combate à corrupção também devem apresentar declarações eletrônicas. Ativistas anticorrupção também foram atacados/as fisicamente na Ucrânia; Evhen Lisichkin e Dmytro Bulakh, do Centro Anticorrupção de Kharkiv, foram agredidos em represália por seu ativismo. Defensores/as de direitos humanos e jornalistas no Uzbequistão documentando a brutalidade policial e o trabalho forçado em campos de algodão foram presos/as e espancados/as. Jornalistas que denunciavam violações dos direitos humanos no norte do Cáucaso da Rússia receberam ameaças de morte de altos funcionários chechenos, os quais agiram com impunidade.

PAÍS EM FOCO: TURQUIA

Na Turquia, a repressão contra a sociedade civil que se intensificou após o malsucedido golpe de Estado de 2016, continuou em 2017. Por meio do amplo uso das leis sobre estado de emergência, as autoridades restringiram significativamente os direitos à liberdade de expressão, mídia, reunião e associação e perseguiram aqueles/as envolvidos/as no trabalho em direitos humanos. Mais de 300 ONGs foram fechadas e muitas pessoas defensoras foram presas, perderam seus empregos ou sofreram investigações. Em julho, oito pessoas defensoras de direitos humanos de reconhecidas ONGs turcas e dois treinadores internacionais foram presos durante um treinamento de proteção holística, acusados de prestar assistência a uma organização terrorista, marcando mais uma escalada da repressão. Durante a detenção, uma campanha de difamação nos meios de comunicação pró-governo alegou que as pessoas defensoras de direitos humanos estavam envolvidas em uma conspiração contra os interesses turcos. Após mais de três meses em prisão preventiva, foram libertadas aguardando julgamento. Este caso ilustra o absurdo do expurgo do presidente Erdogan contra a sociedade civil turca, dado que todas as pessoas defensoras são reconhecidas internacionalmente pelo seu trabalho de décadas e não partidário em apoio aos direitos humanos. Enquanto defensores e defensoras de todos os tipos foram atingidos/as, os principais alvos da repressão em 2017 foram advogados/as. Aproximadamente 400 advogados/as foram enviados/as à prisão e quase mil outros/as estão sob investigação. A Turquia continua sendo o país que mais prende jornalistas no mundo, com 158 profissionais de mídia presos/as, segundo o Sindicato de Jornalistas da Turquia. Após a onda de prisões, defensores e defensoras de direitos humanos, jornalistas e acadêmicos/as continuaram a deixar a Turquia, enfraquecendo significativamente a capacidade de a sociedade civil lidar com os abusos ocorridos e buscar justiça para as pessoas afetadas.

oriente médio e norte da áfrica

Defensoras e defensores de direitos humanos no Oriente Médio e Norte da África continuaram a trabalhar em **circunstâncias extremamente desafiadoras** e enfrentaram inúmeras ameaças de múltiplos atores. A difusão do autoritarismo, exclusão social, discriminação, corrupção e os conflitos domésticos e internacionais fizeram com que pessoas defensoras de direitos humanos fossem alvo de diferentes tipos de perseguição. No entanto, a repressão em curso a defensores, defensoras e à sociedade civil na região não conseguiu eliminar a luta pacífica pelos direitos humanos.

As tentativas de reduzir ainda mais o impacto da sociedade civil foram onipresentes no Egito, como parte da repressão mais ampla às pessoas defensoras de direitos humanos. Em junho, o Presidente el-Sisi ratificou uma **nova e restritiva lei de ONGs** que sufoca a sociedade civil independente, incluindo ONGs de desenvolvimento, sociais e humanitárias. Membros de proeminentes ONGs de direitos humanos continuaram a ser convocados/as e interrogados/as, no caso de n. 173, sob a acusação de “financiamento estrangeiro ilegal” e “operação sem registro”. A perseguição às pessoas defensoras LGBTI aumentou em setembro, depois que um grupo de ativistas levantou a bandeira arco-íris em um concerto público no Cairo. Após o evento, as autoridades prenderam 54 pessoas em todo o Egito, incluindo pessoas defensoras de direitos LGBTI, sob a acusação de “devassidão habitual” ou “promover a devassidão” e submeteram muitos a exames anais forçados.

EVOLUÇÕES POSITIVAS

Embora o progresso na luta pelos direitos LGBTI na região tenha sido lento, a sociedade civil tunisiana demonstrou o que é possível quando uma campanha de sucesso, por parte de pessoas defensoras LGBTI, resultou no compromisso do governo tunisiano, em setembro, no Conselho de Direitos Humanos da ONU, de suspender exames anais forçados em homens homossexuais. Apesar desta evolução positiva, a homossexualidade continua a ser uma ofensa criminal no país, punível com pena de três anos.

Acusações relacionadas a **terrorismo, segurança do Estado e espionagem** foram frequentemente utilizadas contra pessoas defensoras cujo trabalho ameaçava o monopólio estatal de poder. Seis pessoas defensoras de direitos humanos no Sudão foram detidas e levadas a julgamento sob acusações que incluem “conspiração para realizar atividades de espionagem e inteligência em favor de embaixadas estrangeiras” e “promover guerra contra o Estado”. Três delas foram detidas por quase um ano – tempo no qual duas foram torturadas –, antes de todas as seis receberem perdão presidencial em agosto, como resultado de pressão doméstica e internacional.

Acusações fabricadas, perseguição judicial e detenção em regime de incomunicabilidade foram usadas para punir pessoas defensoras no Irã, em Israel, nos Territórios Palestinos Ocupados (OPT, em inglês), em Omã, na Arábia Saudita, no Sudão e nos Emirados Árabes Unidos (EAU). Em julho, a Corte Militar Israelense de Ofer, na Cisjordânia, ordenou que a defensora de direitos humanos Khitam Saafin, presidente do Comitê da União Palestina de Direitos da Mulher, fosse detida por três meses, sem julgamento, por motivos de segurança indefinidos. Ela foi acusada de se afiliar à Frente Popular de Libertação da Palestina, baseado em evidências “secretas” não apresentadas no tribunal.

As autoridades usaram com frequência a força para reprimir protestos na região. No Marrocos, as forças de segurança **dispersaram violentamente** manifestações pacíficas organizadas por HIRAK Rif, o movimento pelos direitos sociais e econômicos na região norte do Rif, que começou em outubro de 2016. Várias pessoas defensoras foram detidas e processadas por seu envolvimento com os protestos. O advogado de direitos humanos, Abdessadeq El Bouchtaoui, que representava muitos dos manifestantes detidos, está sendo julgado por suas críticas às políticas do governo e à brutalidade policial. Repressão semelhante ocorreu ao se dispersarem protestos pacíficos clamando pela autodeterminação do Saara Ocidental. As autoridades argelinas impediram, com frequência, pessoas defensoras de direitos humanos de participarem em protestos pacíficos, implementando uma série de medidas, incluindo **banimento arbitrário de reuniões, detenções preventivas, uso excessivo da força e indiciamento de manifestantes e ativistas**. As forças de segurança do Estado também foram responsáveis por ataques a protestos relacionados a questões sociais e econômicas em províncias remotas da Tunísia. A sociedade civil no país continuou sua luta para consolidar a transição democrática, em meio a crescentes preocupações com a falta de reforma judicial e com os esforços para restringir a liberdade de associação.

Defensores e defensoras trabalhando com **direitos das minorias** foram alvos preferenciais. **Kamal Eddin Fekhar**, que trabalha com os direitos da minoria religiosa ibadita na Argélia, tem sido alvo por muitos anos em razão de seu ativismo. Aqueles/as que defendem os direitos da comunidade núbica no Sudão e no Egito e da comunidade beduína no Kuwait também receberam ameaças e foram assediadas por causa de seu trabalho. Em dezembro, 32 pessoas defensoras de direitos humanos núbias enfrentaram julgamento no Egito após protestos pacíficos exigindo o direito de retorno a suas terras e a libertação de defensores/as núbios/as detidos/as.

No Irã, dezenas de ativistas, incluindo advogados/as, defensores/as de direitos trabalhistas e defensoras dos direitos das mulheres permaneceram na prisão, cumprindo **longas sentenças por acusações arbitrárias**. Em resposta à sua detenção, más condições carcerárias, maus-tratos e perseguição de seus familiares, defensores e defensoras detidos/as, como a defensora dos direitos das crianças Atena Daemi, que cumpre pena de sete anos de prisão por “insultar o líder supremo” e por “assembleia e conluio contra a segurança nacional”, repetidamente praticaram greves de fome, arriscando suas vidas. O governo iraniano permaneceu imune à pressão internacional e repetidos apelos pela libertação de Atena Daemi, entre outros/as.

Os governos do Barém, EAU, Arábia Saudita e Omã usaram regularmente **legislações restritivas de cibercrimes** para limitar a liberdade de expressão, além de perseguir e prender pessoas defensoras de direitos humanos. Vencedor do prestigioso Prêmio Martin Ennals, Ahmed Mansoor está detido desde 20 de março de 2017 pela Promotoria de Crimes de Tecnologia da Informação dos EAU sob acusações que incluem o uso de sites de mídia social para “disseminar informações falsas a fim de promover sedição e ameaçar a unidade nacional”. No Líbano, o Departamento de Crimes Cibernéticos do Ministério do Interior convocou e interrogou várias pessoas defensoras de direitos humanos, incluindo blogueiros/as, por suas postagens críticas no Facebook ou no Twitter. De mãos dadas com a legislação sobre cibercrime, houve censura generalizada – especialmente no Egito, EAU, Arábia Saudita, Barém e Irã – de mídias independentes online, organizações de direitos humanos e fóruns de mídia social.

Defensoras e defensores de direitos humanos, incluindo jornalistas, em áreas de conflito na Síria, Líbia, Iêmen e Iraque têm sido **alvos fáceis para diferentes atores estatais e não-estatais**. No Iêmen, membros das autoridades apoiadas pelos Houthi, grupos não-estatais e milícias religiosas continuam a ameaçar defensores/as e ONGs. Um jovem defensor e blogueiro, Amjad Abdul Rahman, conhecido por suas opiniões e atividades críticas contra grupos islâmicos, foi morto em maio por homens armados dentro de um cibercafé em Aden. Também no Iêmen, membros da Organização Mwatana de Direitos Humanos receberam ameaças e foram repetidamente intimidados/as por divulgarem informações sobre o conflito.

QUESTÃO EM FOCO: RESTRINGINDO O ALCANCE INTERNACIONAL DE PESSOAS DEFENSORAS DE DIREITOS HUMANOS

Uma tática fundamental dos governos na região é limitar a interação de pessoas defensoras de direitos humanos com a comunidade internacional, a fim de minimizar a atenção à situação de direitos humanos em seus países. Eles fazem isso através de leis de associação restritivas, perseguição judicial, proibições delongadas de viagens e recusa de pedidos de visita feitos por observadores internacionais de direitos humanos.

Várias disposições ambíguas e amplas da legislação nacional permitem que as autoridades da região restrinjam o trabalho de pessoas defensoras de direitos humanos ou imponham punições severas que podem resultar em prisão perpétua contra aquelas que expõem violações de direitos humanos em seus países. No Egito, pessoas defensoras foram acusadas de “propagar notícias falsas” ou “receber financiamento estrangeiro para cometer atos contra os interesses do Estado”. Em setembro, o defensor egípcio Ibrahim Metwally Hegazy, cofundador e coordenador da Liga das Famílias de Pessoas Desaparecidas, foi detido e ficou desaparecido quando estava a caminho de uma reunião com o Grupo de Trabalho sobre Desaparecimentos Forçados, em Genebra. Quando ele reapareceu em detenção, havia sido torturado e acusado de “estabelecer uma organização ilegal”, “comunicar-se com entidades estrangeiras para prejudicar a segurança do Estado” e “disseminar notícias falsas”. Além disso, a recém-adotada lei de associação no Egito impõe até cinco anos de prisão por “ajudar ou trabalhar com uma ONG estrangeira que está realizando trabalho no Egito sem licença”.

Na Argélia, Rafik Belamrania, que documenta desaparecimentos forçados, foi detido em fevereiro e condenado em novembro a cinco anos de prisão sob a acusação de “justificar o terrorismo no Facebook”. A decisão de prendê-lo ocorreu apenas alguns dias depois que o Comitê de Direitos Humanos da ONU, com o qual ele cooperou, responsabilizou o governo argelino pela execução sumária de seu pai em 1995. Na Arábia Saudita, a defensora de direitos humanos Samar Badawi, que tem estado sob proibição de viajar desde dezembro de 2014, foi convocada para interrogatório em fevereiro de 2017, em relação a seus contatos com ONGs internacionais de direitos humanos.

Em abril, mais de vinte pessoas defensoras de direitos humanos foram colocadas sob proibição de viagens no Barém antes da sessão de Revisão Periódica Universal da ONU, em Genebra. Em outubro, a defensora Zainab Al-Khamees, membro da organização *Bahrain Human Rights Society* (Sociedade de Direitos Humanos do Barém), foi proibida de viajar para participar de uma conferência internacional de direitos humanos. As autoridades israelenses restringiram o movimento de alguns/mas ativistas antiassentamentos nos OPT, como Imad Abu Shamsiyya, cofundador do Grupo de Defensores/as de Direitos Humanos em Hebron, a quem foi recusada permissão para participar da Plataforma de Dublin para Defensoras e Defensores de Direitos Humanos. Observadores internacionais foram impedidos de obter vistos para se encontrarem com pessoas defensoras de direitos humanos na Argélia e no Barém, enquanto permaneceu difícil encontrar-se com elas no Saara Ocidental.

PAÍS EM FOCO: ARÁBIA SAUDITA

Apesar do alardeado fim da proibição às mulheres de dirigirem na Arábia Saudita, após uma campanha de vinte anos de defensoras de direitos humanos, a defesa dos direitos humanos, especialmente os direitos das mulheres, continuou extremamente arriscada. Defensoras e defensores dos direitos das mulheres que desafiaram a discriminação endêmica contra as mulheres continuaram a ser intimidadas/os por meio de proibições de viagem, interrogatórios e detenções.

À medida que disputas de poder se desenrolavam ao final do ano, se tornou improvável que as tentativas do príncipe herdeiro Mohammad Bin Salman de consolidar sua autoridade levassem a qualquer melhoria para pessoas defensoras de direitos humanos. A tensão política e diplomática entre EAU, Arábia Saudita e Barém, de um lado, e o Qatar, do outro, e a campanha militar da coalizão liderada pelos sauditas no Iêmen resultaram no reforço das restrições à liberdade de expressão e autocensura entre os blogueiros/as e jornalistas.

A repressão contra pessoas defensoras de direitos humanos incluiu detenções em regime de incomunicação, proibições de viagens, penas severas de prisão e julgamentos injustos em tribunais especializados criados para lidar com terrorismo. Em agosto, Abdulaziz Al-Shubaili foi condenado a oito anos de prisão sob acusações que incluíam “terrorismo e seu financiamento”. O defensor é um dos principais membros da Associação de Direitos Políticos e Cíveis da Arábia Saudita e defendia seus colegas presos. Dois outros defensores, Issa Al-Nukheifi e Essam Koshak, que defendiam o aumento da liberdade de expressão no Reino, foram julgados em outubro por acusações que incluem “incitar a opinião pública”. Outro defensor, Omar Al-Hamid, foi condenado a três anos de prisão sob uma rígida legislação de crimes cibernéticos por exigir a libertação de colegas defensores condenados a longas sentenças de prisão, em um grupo do WhatsApp.

Notas de Fim

1. Esses dados representam o número de indivíduos que trabalham pacificamente para defender os direitos humanos de outras pessoas e que foram mortos/as em 2017. Não inclui indivíduos que trabalharam em questões que – por mais louváveis e positivas que sejam – não são reconhecidas como direitos humanos, de acordo com o direito internacional.
2. http://www.ohchr.org/Documents/Issues/Terrorism/A_72_43280_EN.pdf
3. Diretrizes da UE sobre Pessoas Defensoras de Direitos Humanos, https://eeas.europa.eu/sites/eeas/files/eu_guidelines_hrd_en.pdf p.6
4. Burundi, Camarões, Chade, Congo, RDC, Gabão, Níger.
5. Em 2013, Biram Dah Abeid recebeu o Prêmio Front Line Defenders para Defensores e Defensoras de Direitos Humanos em Risco e, no mesmo ano, ele recebeu o Prêmio de Direitos Humanos das Nações Unidas.
6. Todas as mortes no Brasil, como documentadas pela Comissão Pastoral da Terra, organização parceira do Memorial, estavam ligadas a conflitos por terra em áreas rurais.
7. <https://www.nytimes.com/2017/06/19/world/americas/mexico-spyware-anticrime.html>
8. <https://www.gaipe.net/wp-content/uploads/2017/10/Exec-Summ-Dam-Violencia-EN-FINAL.pdf>
9. <https://af.reuters.com/article/worldNews/idAFKCN1BF1VT>
10. <http://www.sunstar.com.ph/cagayan-de-oro/local-news/2017/02/14/land-conflict-eyed-possible-reason-lumad-leaders-death-525674>
11. <https://www.coe.int/en/web/portal/-/venice-commission-tackles-polish-judicial-reforms-and-ukrainian-education-law-among-other-issues>